



#TeseDaMinhaVida: muito mais do que os bastidores de teses e dissertações, a história de quem pesquisa

Viviane Gonçalves Freitas¹

Resumo

Acredito que a academia possa ser vivenciada e compreendida como uma construção coletiva e de compartilhamento, de modo a ser desenvolvida uma produção rica e que faça a diferença na vida de cada uma/um e na sociedade. Pensando nisso e lembrando de como as amizades e parcerias foram imprescindíveis para mim, durante a pós-graduação e além, nasceu o projeto #TeseDaMinhaVida, em agosto/2020, disponível no Youtube. Em conversas mais informais, pesquisadoras/es de diversas áreas do conhecimento, como Engenharia Mecânica, Comunicação, Farmácia, Astronomia e Ciência Política, contam um pouco dos bastidores da elaboração de suas teses e dissertações, com os temas das pesquisas sendo abordados tangencialmente. O foco está no percurso feito durante esse tempo, nos pesadelos, nos sonhos, nas dúvidas, nas pequenas e grandes alegrias que existem até chegar à banca de defesa. Até junho/2021, foram produzidos 27 episódios, cujos títulos são a palavra que resume a trajetória percorrida, segundo cada entrevistada/o (por ex.: Reconstrução; Coragem; Insubmissão). O #Tese é um espaço de divulgação científica, mas também de acolhida, de registro de memórias e, principalmente, de busca por uma perspectiva diferente quanto às brigas de egos e competições acadêmicas. A humanização da pesquisa é possível e necessária. Palavras-chave: humanização da pesquisa, divulgação científica, pós-graduação, memória, cientistas do Brasil

Introdução

O ambiente acadêmico, revestido de termos técnicos, modo de escrita específica e hierarquias retroalimentadas, também pode ser entendido como um lugar de conhecimentos, descobertas, aprendizados, que não ocorrem isoladamente, mas por meio de parcerias, de trocas entre colegas em sala de aula, em grupos de pesquisas, na produção de artigos, nas viagens para eventos, na mesa de bar. E esse é o perfil de academia que defendo e busco reproduzir por onde atuo. Acredito na construção coletiva e no compartilhamento para o desenvolvimento de uma produção rica e que faça a diferença na vida de cada uma/um e na sociedade.

Pensando nisso e lembrando de como as amizades e parcerias foram imprescindíveis para mim, durante a pós-graduação e além, nasceu o projeto #TeseDaMinhaVida, em

¹ Doutora em Ciência Política (UnB) e professora na PUC Minas.

agosto/2020, disponível no Youtube². Em conversas mais informais, pesquisadoras/es de diversas áreas do conhecimento contam um pouco dos bastidores da elaboração de suas teses e dissertações, com os temas das pesquisas sendo abordados tangencialmente. O foco está no percurso feito durante esse tempo, nos pesadelos, nos sonhos, nas dúvidas, nas pequenas e grandes alegrias que existem até chegar à banca de defesa, e que, muitas vezes, ficam restritas às páginas de agradecimentos, quando o trabalho final vem a público.

O #Tese surgiu ainda no início da pandemia da Covid-19, quando eu ainda tinha a esperança de assumir a bolsa de pós-doutorado para a qual havia sido aprovada e sentia uma grande necessidade de mostrar que havia muito conhecimento e de alta qualidade sendo produzido, principalmente por aquelas pessoas que, como eu, haviam concluído a pós-graduação recentemente, mas que (ainda) não estavam vinculadas a instituições de ensino superior (IES) como professoras/es efetivas/os³. Foi uma estratégia que encontrei de também lidar com essa sensação de “limbo” acadêmico, de ter uma outra percepção sobre aquele momento (bastante) angustiante que vivenciava e que poderia também ajudar outras pessoas. Como foi dito por algumas/ns participantes, o #Tese era como um espaço de terapia em grupo.

Tudo isso não estava separado da vida pessoal. Com o passar dos meses, a esperança foi se transformando na certeza de que a bolsa não seria implementada mesmo. Mas surgiram outras oportunidades de parcerias, de conhecer diversas pessoas que, como eu, acreditam na ciência, na pesquisa e compartilham as diversas lutas que também nos fortalecem e nos fazem sentir o acolhimento e a alegria do construir coletivamente.

Até junho/2021, foram produzidos 27 episódios, cujos títulos são a palavra que resume sua trajetória, segundo cada entrevistada/o (por ex.: Reconstrução; Coragem; Insubmissão)⁴. Pesquisadoras/es, em diferentes momentos da carreira, de diversas áreas, como Engenharia Mecânica, Comunicação, Ciência Política, Farmácia, Astronomia e tantas outras contaram um pouco de sua história no projeto. O #Tese constitui-se como um espaço de divulgação científica, mas também de acolhida, de registro de memórias e, principalmente, de busca por uma perspectiva diferente quanto às brigas de egos e competições acadêmicas. A humanização e a

² Todos os episódios do #TeseDaMinhaVida estão disponíveis em:

<https://www.youtube.com/c/VivianeGoncalvesFreitas>

³ Também participaram do #Tese pessoas em estágios mais avançados da carreira docente, o que contribuiu para desmistificar algumas frustrações e angústias como sendo apenas da geração atual.

⁴ Mais adiante, os títulos dos episódios e respectivas/os entrevistadas/os são apresentados no Quadro 1.

socialização acolhedora da pesquisa são possíveis e necessárias. Como bem disse Débora Rabello, doutora em Ciências Médicas (UnB) e professora no Instituto Federal de Brasília (IFB), no Episódio #27. Gratidão:

a importância de [se] mostrar os bastidores para aqueles que estão no caminho, quando erram, quando não conseguem uma aprovação, por exemplo, [é] não se sentirem incompetentes por isso [...]. Em todo o caminho, em toda vitória, em todo diploma de doutorado, em toda classe, tem, por trás, erros, dificuldades.

Para melhor apresentar a proposta do #Tese, este artigo está dividido em três seções: esta introdução, o desenvolvimento, que está subdividido a partir de categorias de análises tendo por base as temáticas debatidas pelas pessoas entrevistadas, e as considerações finais. É impossível aqui, neste artigo, não apresentar minha perspectiva quanto à academia e às relações entre as pessoas que a integram (docentes, discentes, pesquisadoras/es), mais no sentido do que acredito ser possível, no intuito de uma construção com ganhos para todas as partes do que como uma reprodução infinita de hierarquias e privilégios, que acabam se reavivando por gerações. É justamente por acreditar que é possível fazer diferente e que essa mudança começa com cada uma/um que o #Tese surgiu. Neste quase um ano de produção, os depoimentos mostram que, se, de um lado, há uma política governamental para o esfacelamento da ciência, que almeja seu enfraquecimento e sua deslegitimidade, do outro, há muito trabalho, resistência, parcerias e perseverança. O meu lado, eu já escolhi.

Tenho consciência de que minha percepção quanto ao projeto carrega seus vícios e limitações para a análise ora apresentada. No entanto, cinco meses após interromper as gravações para me dedicar a outras demandas, escrever este artigo é também uma maneira de revisitar o #Tese e minha trajetória, ao mesmo tempo em que acredito que tal tarefa possa ajudar a refletir sobre novos passos a serem dados a diante.

Vem! Eu te dou a mão e a gente vai junto!

O #TeseDaMinhaVida, como o próprio nome diz, tem a intenção de mostrar o dia a dia de mestrandas/os e doutorandas/os para as pessoas que estão começando a pós-graduação e acham que algumas situações (geralmente, as mais complicadas) só acontecem com elas, mas

também para aquelas que não estão tão familiarizadas assim com esse cotidiano. É bom lembrar que nossa existência não se resume a dissertações, teses e artigos. Durante a pós-graduação, nossas vidas continuam e, de fato, não se descolam das pesquisas que realizamos, seja porque afetam nosso convívio com amigos e familiares, seja por transformarem nossa maneira de ser e estar no mundo. Então, qual é a tese da vida de cada uma/um de nós? Como fica a nossa vida, nesse momento que se torna tão conturbado para todo mundo (mesmo antes de pandemia)? Quem já passou ou está na pós-graduação sabe que não dá para achar que tudo transcorrerá sempre bem e na tranquilidade que tanto almejamos várias vezes. E é para dividir essas experiências, inclusive, com mudanças de rotas, que o #Tese surgiu.

O projeto tem como uma de suas características mostrar que a nossa vida não precisa ser entendida em caixinhas, como se, em cada momento de socialização, estivéssemos incorporando uma *persona* distinta. O debate da teoria feminista sobre a dualidade público-privado, incluindo as críticas das intelectuais negras, auxilia nesta ruptura de entendimento da vida compartimentada (Okin 2008; Davis 2012; Young 2013). Existe uma vida além dos títulos acadêmicos e é ela que faz essa conexão com o que somos como pesquisadoras/es.

Durante as entrevistas realizadas, foi interessante ver como as pessoas que assistiam se identificavam com as histórias contadas. Por essa razão, ao final de cada episódio, havia o incentivo a fazerem comentários nas postagens do canal, além de indicar conhecidas para participar. E, assim, várias indicações foram recebidas e viraram novos episódios.

Uma dessas indicações é um caso bem curioso, que rendeu o Ep. #24. Intensidade. Após participar da gravação do Ep. #07. Rede de Apoio, Ana de Sousa, doutora em Engenharia de Sistemas Eletrônicos e Automação (UnB), gostou tanto da experiência que sugeriu algumas amigas e amigos para contar suas histórias também. Entre essas pessoas, estava Manu Rodrigues, então doutorando em Letras (UnB), que foi apresentado desta forma por ela:

Manu é daquelas pessoas que já teve umas dez vidas, diferente de nós mortais, que só temos uma. A gente se conectou em 2014, quando eu e a Pati procurávamos uma pessoa para morar na república. Eis que deu tudo certo e chega essa pessoa de Santa Cruz do Capibaribe: ex-seminarista, ex-lutador de jiu-jitsu e formado em Letras. (Ep. #24. Intensidade).

Eu só não poderia imaginar que era meu ex-aluno de uma das últimas turmas para as quais havia lecionado, no final do meu doutorado, em Brasília. Finalizando a dissertação na Linguística, enquanto esperava o processo de seleção para o doutorado ser aberto, ele resolveu

fazer outro curso de graduação, em 2016. E foi assim que nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez: eu, professora de Introdução à Ciência Política, e Manu (que àquela época era conhecido como Emanuel – por isso até minha demora em reconhecê-lo de imediato), calouro de Ciências Sociais. Reproduzo abaixo um dos trechos que acho mais interessantes deste episódio:

Eu achava que a minha saída de Pernambuco era para buscar o mestrado, [...] buscar a vida acadêmica, [...] era pra fazer um nome, para escrever livros, para publicar artigos, para ensinar em universidades, para fazer concursos públicos e ser orientador de pós-graduação. Eu achava que era por aí. [...] Mas não era exatamente isso. No final das contas, eu consigo enxergar hoje em dia que a minha saída de Santa Cruz, a minha saída de Pernambuco, significou uma busca de mim. **Eu entrei numa jornada não pela vida acadêmica, mas entrei na jornada por mim, pela busca da minha pessoa, de quem eu era, daquilo que estar onde eu estava não me permitia ser, daquilo que eu nem sabia que estava dentro de mim.** (Ep. #24. Intensidade, grifo meu).

O depoimento de Manu Rodrigues me remete às palavras de outros dois entrevistados, Tim Bagatelas (Ep. #04. Resiliência), também pesquisador da área de Letras, e Simony Costa (Ep. #09. Perseverança), doutora em Astronomia pelo Observatório Nacional do Rio de Janeiro. Em seu depoimento, Tim Bagatelas contou como precisou se manter firme perante às dificuldades que encontrou pelo caminho, sendo negro, gay e periférico. Foi com a educação que conseguiu romper um “destino traçado” de impeditivos. Professor de língua portuguesa e literatura brasileira, autor da coletânea de poemas *Livro ao Vento e Mar*, recém-lançado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores (2021), é com a literatura que mostra a seus alunos e alunas que novos caminhos são possíveis.

A entrevista de Simony Costa complementa a tríade Intensidade-Resiliência-Perseverança, visto que as três palavras poderiam nomear qualquer um desses episódios, tamanha a tradução que perfazem dessas histórias. A menina que olhava o céu, num sítio no interior da Paraíba, à procura de respostas, deu lugar à pesquisadora que, hoje, busca inspirar outras a trilharem os caminhos da ciência. Em sua história, há a ruptura quanto à determinação de as mulheres seguirem profissões específicas, o desafio de ir de pau-de-arara para a cidade vizinha a fim de continuar seus estudos e de mal ter o dinheiro para o lanche no ensino médio. Para Simony, sua trajetória se define como “traçar um objetivo e nunca desistir, seguir em frente” (Ep. #09. Perseverança).

A participação de Alice Pavanello (Ep. #17. Inusitada) foi importante também para mostrar como, durante a pandemia do novo coronavírus, nós, cientistas e pesquisadoras/es, fomos impulsionadas/os a novas possibilidades. Precisamos usar ainda mais a criatividade, em diversos momentos, até na tentativa de manter a sanidade mental, ao mesmo tempo em que ajudávamos outras pessoas.

Jornalista e doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Alice trabalhou por um bom tempo como repórter, até se encantar pelo mundo das perguntas infinitas da pesquisa acadêmica. Com a pandemia, se viu obrigada a ter que inventar como despertar o interesse dos seus alunos, quando atuava como professora substituta no *campus* Frederico Westphalen da UFSM. Foi daí que surgiu o que seria, logo depois, o Além do Lattes⁵, um canal para compartilhar, com estudantes de pós-graduação e de graduação, experiências, processos e caminhos do percurso acadêmico e também da vida além dos artigos, congressos e bancas. Atualmente, o canal conta com 22,7 mil inscritos.

Episódio/Título	Frase-resumo	Entrevistada/o	Área de conhecimento
#01. Reconstrução	Na pós, me descobri mulher negra	Viviane Gonçalves Freitas	Comunicação e Ciência Política
#02. Transformação	Pós-graduação acolhedora e colaborativa	Denise Mantovani	Comunicação e Ciência Política
#03. Amizade	Uma rede de afetos é fundamental na pós-graduação	Pedro Barbabela	Relações Internacionais e Ciência Política
#04. Resiliência	Respeitar seu tempo é um grande aprendizado	Tim Bagatelas	Letras

⁵ O conteúdo do canal Além do Lattes podem ser acessados em: <https://www.youtube.com/c/AlémdoLattes>

#05. Comprometimento	Aproveite ao máximo a vida acadêmica	Rayani Mariano	Comunicação e Ciência Política
#06. Inquietações	Na pesquisa, vivemos de fazer perguntas	Cecília Bizerra Sousa	Comunicação
#07. Rede de Apoio	O tempo de descanso é essencial	Ana de Sousa	Engenharia Mecânica e Engenharia de Sistemas Eletrônicos e Automação
#08. Mudanças	Olhar de várias áreas ajuda a entender o objeto	Igor Costa	Ciência Política
#09. Perseverança	As mulheres podem ser o que quiserem	Simony Costa	Física e Astronomia
#10. Na Luta	Trajectoria acadêmica também é feita de percalços	Luíza Alvim	Cinema e Música
#11. Persistência	A empatia é fundamental na pesquisa	Juarez Silva	Comunicação
#12. Encantamento	Pesquisar o que se gosta faz toda diferença	Carla Carvalho	Direito
#13. Colaboração	A pesquisa ajuda a mudar o estabelecido	Danusa Marques	Ciência Política
#14. Inauguração	Mulheres negras	Mayra Bernardes	Comunicação

	produzem ciência, sim!		
#15. Coragem	As pesquisas sobre debate racial ampliaram-se	Flavia Rios	Sociologia
#16. Disputa	Pesquisas nos fazem refletir sobre nós mesmos	Ana Teresa Gotardo	Comunicação
#17. Inusitada	A pandemia impulsionou outras possibilidades	Alice Pavanello	Comunicação
#18. Superação	Saímos da pós-graduação transformados	Letícia Gonçalves	Farmácia
#19. Estratégia	Traçar metas faz toda diferença	Cristiano Rodrigues	Psicologia, Sociologia e Ciência Política
#20. Empatia	Conhecer outras histórias me transformou	Camila Craveiro	Comunicação
#21. Inspiração	Hoje não sinto mais a solidão acadêmica	Mariana Silva	Comunicação
#22. Resiliência.2	A pesquisa também diz sobre quem somos	Isadora Harvey	Ciência Política e Interdisciplinar
#23. Conquista	Amadurecemos com os	Leonardo Fuscaldi	Farmácia

	percalços das pesquisas		
#24. Intensidade	Meu doutorado é para a docência	Manu Rodrigues	Letras
#25. Transformação.2	Estar na academia é um ato político	Rafael de Queiroz	Comunicação
#26. Insubmissão	Sou ativista, antes de qualquer coisa	Thiago Coacci	Direito e Ciência Política
#27. Gratidão	Meus filhos me deram força para seguir	Débora Rabello	Ciências Biológicas e Ciências Médicas

Quadro 1 Episódios #TeseDaMinhaVida.
Fonte: elaboração própria.

Pesquisas nos fazem refletir sobre nós mesmos

A entrevista com Thiago Coacci (Ep. #26. Insubmissão) foi uma mescla de retribuição pelo espaço que abriu em seu podcast *Larvas Incendiadas*⁶, para divulgação do livro resultado da minha tese e da minha trajetória até ali, ainda em 2018, e de uma expressão de reconhecimento e de partilha entre quem conhece de perto os desafios de se pesquisar gênero e sexualidade no país. Se antes já era difícil, a cada dia, torna-se mais um ato de resistência política, além de busca pelo fortalecimento do campo.

A participação, desde a adolescência, no movimento estudantil e em grupos LGBT, já era um prenúncio de que suas pesquisas representariam um outro olhar para os estudos de movimentos sociais anos depois, como ressalta: “Eu gosto de brincar que, na verdade, eu sou ativista antes de ser pesquisador, antes de ser qualquer outra coisa. [...] Eu saí do armário para minha família na minha adolescência, com 15, 16 anos [...] e já fui, de alguma forma, me aproximando dos movimentos sociais” (Ep. #26. Insubmissão). Em maio/2021, sua tese sobre

⁶ O conteúdo do *Larvas Incendiadas* está disponível em: <https://larvasincendiadas.com/>

produção de conhecimento desenvolvida por pessoas trans foi condecorada com o primeiro lugar no II Prêmio de Teses e Dissertações da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCP/UFMG).

A história de Mariana Silva (Ep. # 21. Inspiração) foi importante não apenas para trazer o debate sobre o percurso das pessoas com deficiência na pós-graduação, mas também para ampliar minha perspectiva sobre os marcadores da diferença que podem se intercruciar no debate sob as lentes interseccionais (Collins; Bilge 2021). Desde a entrevista com ela, nunca mais deixei de considerar as mulheres com deficiência na pluralidade que compõe o sujeito “mulheres”.

Hoje, doutoranda em Comunicação pela UFMG, Mariana escreveu a dissertação em primeira pessoa. Não por simplesmente querer driblar regras da ABNT, mas porque tinha um pedacinho dela ali, naquela pesquisa, intitulada “Eu, elas, nós; mulheres com deficiência: observações afetivas em vídeos do YouTube”. Ela trabalhou com mulheres com deficiência que tinham um canal na plataforma de vídeos. A partir da pesquisa, passou a não se sentir mais sozinha, nem era simplesmente um diagnóstico, como várias vezes ocorreu ao longo da vida, por ser uma pessoa com deficiências físicas e visuais congênitas.

Para Goffman, os corpos são espaços demarcados por sinais que antecipam papéis a serem exercidos pelos indivíduos. Um conjunto de valores simbólicos estaria associado aos sinais corporais, sendo a deficiência um dos atributos que mais fascinaram os teóricos do estigma. (Diniz 2007: 13)

A jornalista também criou um canal no Youtube – Diário Afetivo⁷ –, na reta final do processo de escrita de sua dissertação. Essa foi uma estratégia epistemológica que adotou para dialogar ainda mais com o foco de sua pesquisa. Então, ao mesmo tempo que contava e analisava as histórias de suas interlocutoras, Mariana estava falando também sobre si.

Já Ana Teresa Gotardo (Ep. #16. Disputa), doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), depois de uma gravidez inesperada, no início do mestrado,

⁷ O conteúdo do Diário Afetivo está disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UCyY0G856yUlkAMaBgFlx7vQ>

se interessou pelas discussões feministas, principalmente, quanto a parto humanizado, e começou a ver seu relacionamento de outra maneira. Com a pesquisa de doutorado em andamento, com foco nos diversos contrastes na construção midiática da imagem da cidade do Rio de Janeiro, em razão dos megaeventos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, para turistas e para seus moradores, Ana Teresa já não se percebia da mesma maneira. E essas reflexões a fizeram repensar um relacionamento abusivo, no qual vivia há anos.

Esses discursos de rompimento, na verdade, foram essenciais para eu romper a minha vida com uma série de coisas. [...] Essa questão do rompimento com o que é oficial do que é dado, do que é normatizado, é como isso também permeia a minha vida. Eu consegui romper com um relacionamento de dez anos já. Na semana que eu fui qualificar, eu consegui romper com meu relacionamento. [...] Eu não tinha condições psicológicas de estar lá [na qualificação do doutorado] como eu tinha que estar.

Nessa perspectiva do entrecruzamento das relações familiares e da pós-graduação, o depoimento de Débora Rabello (Ep. #27. Gratidão) é bastante expressivo, em especial quanto ao significado dos filhos em sua trajetória:

Quando era difícil e eu começava a questionar minhas decisões, eu olhava para os meus filhos. E, rapidamente, eu retomava o caminho, de uma forma muito clara, muito clara. Eu não tinha a menor dúvida do que eu tinha que fazer. [...] É difícil, a gente erra, a gente se atrapalha, a gente derrama as coisas, a gente não está presente em todas as reuniões de pais, a gente não consegue ajudar em todos os deveres de casa, a gente não consegue levar para as todas as festas de colega, fazer bolo de chocolate no meio da tarde, assistir [a] desenho com calma, sem pensar que “eu tenho que ler o artigo”, mas faz parte. É do caminho. E é possível. E eu não me arrependo.

Estar na academia é um ato político

A motivação para o #Tese também partiu da valorização e do reconhecimento das construções coletivas e do acolher-se mutuamente, ensinamento presente tanto nas epistemologias feministas quanto nas discussões das intelectuais negras. Para que a ramificação desse conhecimento ocorra, é necessário que aprendamos a acreditar em quem somos, em nossa capacidade, inclusive, intelectual. O sentido de aquilombamento trazido por Beatriz Nascimento (2021) é bastante significativo aqui, visto que remete a resistência, historicidade e livre pensamento.

Durante sua trajetória[,] o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição, guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política, apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que[,] a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira[,] corrigem distorções impostas pelos poderes dominantes. O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade negra[,] que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida. (Nascimento 2021: 166-167).

Entre 2005 e 2016, o número de estudantes negras/os nas universidades públicas brasileiras cresceu de 5,5% para 12,8%, o que, de acordo com Giovana Xavier (2019), refletiu na emergência de novas agendas de pesquisa, com destaque para a importância de valorizar as trajetórias individuais e coletivas, as subjetividades, as narrativas na primeira pessoa. Em contrapartida, “o silenciamento e [a] desqualificação dos modos de fazer e pensar de pessoas negras” ainda se apresentam por meio de comentários e manifestações racistas do “privilegio epistêmico” (XAVIER, 2019, p. 80). Para bell hooks (1995), ser intelectual é transgredir fronteiras discursivas, saindo de sua zona de conforto – uma atitude intrínseca e vitalmente política. Ao mesmo tempo, é olhar para estes novos sujeitos que chegam à academia, instigando a construção de novas epistemologias e a necessidade de localizar saberes antes não contemplados pela ciência da neutralidade pré-determinada (Santos; Dias 2019).

O início dos anos 2000 representa um momento de ampla incorporação de demandas sociais por parte do governo federal, que também é o momento da geração de uma nova geração de ativistas dos movimentos negros. Em novembro/2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, segundo a qual, pela primeira vez, o número de estudantes negros (1,14 milhão ou 50,3%) seria maior do que o de brancos (1,05 milhão ou 48,2%) nas universidades públicas (Alfano; Tatsch; Capetti 2019). De acordo com Flavia Rios e Regimeire Maciel (2018: 5),

[...] são jovens universitárias que integram o primeiro grupo de estudantes cotistas, são oriundas de vários territórios periféricos ou suburbanos do país; procuram demarcar seu espaço junto ao ativismo de mulheres negras e, conseqüentemente, obter reconhecimento ocupando lugares estratégicos em ambientes como o governamental e o acadêmico.

Nessa perspectiva, os depoimentos de Maya Bernardes (Ep. #14. Inauguração), Isadora Harvey (Ep. #22. Resiliência.2) e Rafael de Queiroz (Ep. #25. Transformação.2) se

complementam. Desde o início no Jornalismo, Mayra se interessou pela pesquisa. Mas o mais importante foi quando se entendeu negra e, ao mesmo tempo, pesquisadora, que ela se dedicou a debater sobre transição capilar, cabelos cacheados e crespos na publicidade. Foi então que também entendeu que poderia utilizar autoras e autores negros como suas principais referências. A trajetória e a pesquisa de Mayra nos dizem muito sobre o racismo presente na academia, na mídia, na sociedade, e a necessidade urgente de rupturas e mudanças e dialoga com Lélia Gonzalez (2020: 269): “[...] a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc., mas se tornar negra é uma conquista”. Isso se deve justamente à reprodução de séculos do mito democracia racial, que camufla hierarquias na sociedade brasileira ao mesmo tempo que vende uma imagem de harmonia exitosa graças à miscigenação, mas esconde violências, silenciamentos e restrições ou negações de acessos. No trecho abaixo, a hoje doutoranda em Comunicação (UFMG) nos explica o porquê de a palavra “Inauguração” resumir seu percurso:

São muitos “primeiros” que eu fiz até aqui: ser a primeira [pessoa da família] a passar na UFMG, a primeira pessoa negra a receber o reconhecimento do programa de que teve a melhor dissertação defendida no ano⁸... Não foi a primeira vez que uma pessoa negra foi premiada na Compós, mas este tema é a primeira vez que aparece. São muitas inaugurações. É uma palavra que me acompanha muitas vezes. [...] E eu acho que isso é na vida de muitas pessoas negras, não só na minha. Muitas pessoas negras que estão chegando agora nesses espaços de poder. A academia é um espaço de poder. Muitas das pessoas negras que estão chegando nos programas de pós-graduação são as primeiras que estão chegando ali, são as primeiras a chegar com aqueles temas. E, quando elas obtêm reconhecimento, são as primeiras também. Essa geração que chegou à universidade por políticas afirmativas, tanto do ensino público quanto do pertencimento racial, inaugura muitos novos começos nas universidades. (Ep. #14. Inauguração).

Isadora Harvey, mestra em Ciência Política pela UnB, começou a graduação no Rio de Janeiro, também em Ciência Política, sem entender muito bem o que a área oferecia, como que poderia atuar após a conclusão do curso. Mas já sabia que o debate racial estaria no seu radar de alguma maneira. Atualmente, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, na Universidade Federal da Bahia

⁸ Mayra Bernardes conquistou duas premiações com sua pesquisa de mestrado, intitulada “Esse boom é nosso? Discursos sobre transição capilar na publicidade de cosméticos”: (a) Melhor dissertação defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG; e (b) Menção Honrosa de Melhor Dissertação da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós) 2020.

(UFBA), continua trilhando seu caminho, com a certeza de que não dá para separar a pessoa que pesquisa das investigações. E é esse encontro que faz com que se entenda pesquisadora, mulher negra e que vai se descobrindo ao longo do processo.



Figura 1 Capa do Ep. #22. Resiliência.2.
Fonte: Canal Viviane Gonçalves Freitas – #TeseDaMinhaVida.

Para Rafael de Queiroz, a música sempre esteve presente em sua trajetória, mesmo que de formas distintas: seja como colecionador de vinis, vendedor em loja de CDs, DJ, estudante de graduação de Rádio, TV e Internet ou pesquisador. Ela também perpassou as transformações que ocorreram durante seu doutorado. Duas das mais importantes mudanças em sua vida nesse período foram se torna pai de Martin e se tornar negro – dois (re)nascimentos, portanto.

Durante a entrevista, Rafael abordou as dificuldades para se sentir parte do ambiente acadêmico, muitas vezes, hostil à população negra. Ao mesmo tempo, ressaltou o caráter político de se fazer pesquisas que rompam barreiras e desestabilizem as estruturas de opressão do racismo, do machismo, da homofobia, da opressão de classes.

Considerações finais

Cerca de um ano após minha defesa de doutorado, conversando com Franck Tavares, professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), sobre como ocorreu o processo de desconstrução e reconstrução de mim mesma, o entender-me negra e como isso impactou não

apenas a pesquisa que estava em andamento, mas também minha vida e minhas escolhas profissionais dali em diante, ele me disse algo que nunca mais esqueci: “Pesquisa de fôlego, como a de mestrado ou doutorado, só faz sentido se chacoalha a gente. E eu vejo que com você foi assim. Porque, se for só para pegar um diploma, não tem muita razão”.

Quando os primeiros pensamentos sobre o #Tese me vieram, essa conversa foi meio que o direcionamento para começar a buscar as pessoas a serem entrevistadas, que também pudessem compartilhar seus incômodos, certezas desestruturadas, os chacoalhões que levou no percurso da pesquisa. Assim, o #TeseDaMinhaVida se apresenta como uma possibilidade para que histórias, tão potentes e transformadoras, possam ser conhecidas e encorajem outras pessoas a se juntar nessa aventura.

Referências

ALFANO, Bruno; TATSCH, Constança; CAPETTI, Pedro. 2019. Negros são maioria pela primeira vez nas universidades públicas, aponta IBGE. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/negros-sao-maioria-pela-primeira-vez-nas-universidades-publicas-aponta-ibge-24077731>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BAGATELAS, Tim. 2021. *Livro ao vento e mar*. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. 2021. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.

DAVIS, Angela. 2012. I used to be your sweet mama. Ideología, sexualidad y domesticidad. In: JABARDO, Mercedes (Ed.). *Feminismos negros: una analogía*. Madrid: Traficantes de Sueños.

DINIZ, Debora. 2007. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense.

GONZALEZ, Lélia. 2020. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.

hooks, bell. 1995. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, (2):464-478.

NASCIMENTO, Beatriz. 2021. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex (Org.). *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar.

OKIN, Susan Moller. 2008. Gênero, o público e o privado. *Revista de Estudos Feministas*, 2(16):305-332.

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimeire. 2018. Feminismo negro brasileiro em três tempos: mulheres negras, negras jovens feministas e feministas interseccionais. *Labrys Estudos Feministas*.

SANTOS, Débora Sirno; DIAS, Luciana de Oliveira. 2019. Saberes e pertencimentos espelhados: quando uma professora negra fala sobre feminismo negro. *Humanidades & Inovação*, 6(16):13-22.

XAVIER, Giovana. 2019. Ciência, lugar de fala e mulheres negras na academia. In: XAVIER, Giovana. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê.

YOUNG, Iris. 2013. O ideal da imparcialidade e o público cívico. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Org.). *Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo: Horizonte.